

Revista Internacional de Formação de Professores (RIPF)

ISSN: 2447-8288
v. 2, n.2, 2017

NARRATIVAS EDUCATIVAS DE PROFESSORAS QUE ATUAM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PERCEPÇÕES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE

NARRATIVES EDUCATION OF TEACHERS WORKING IN YOUTH AND ADULT EDUCATION: PERCEPTIONS OF GENDER AND SEXUALITY

Submetido em 09/11/2016

Avaliado em 10/11/2016

Aceito em em 10/03/2017

Bárbara Cristina Moreira
Sicardi Nakayama

Doutora em Educação pela UNICAMP, Professora do Departamento de Ciências Humanas e Educação (DCHE) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar – Campus Sorocaba
Contato: barbara@ufscar.br

Luiz Fábio Santos

Mestrando em Educação pela UFSCar – Campus Sorocaba e Supervisor de Ensino vinculada à Secretaria Municipal de Educação de Sorocaba
Contato: fabio.sedu@gmail.com

NARRATIVAS EDUCATIVAS DE PROFESSORAS QUE ATUAM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PERCEPÇÕES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE

Resumo

Este artigo é a síntese da dissertação de mestrado de Santos (2016) vinculada ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Narrativas, Formação e Trabalho Docente (NEPEN) desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – campus Sorocaba. Está centrada nas percepções sobre gênero e sexualidade de professoras que atuam na Educação de Jovens e Adultos (EJA), com a seguinte problemática: Quais as percepções sobre gênero e sexualidade evidenciadas nas narrativas educativas produzidas por professoras que atuam na EJA e a partir delas quais definições podem orientar suas práticas educativas? Para responder definiram-se os objetivos: Entender as percepções de gênero e sexualidade de professoras que atuam na EJA e a importância de discutir estas questões na afirmação do respeito às diferenças no espaço escolar. Apontar problemas para convergência entre o ato de educar e as questões ligadas a gênero e sexualidade na EJA. Discutir as questões de gênero e sexualidade nas relações do cotidiano escolar da EJA impulsionando a reflexão sobre os valores que marcam a nossa sociedade. Estrutura-se a partir da perspectiva qualitativa e utiliza para produção de dados a elaboração de narrativas educativas em um curso de extensão, considera para a análise as categorias pré definidas por Nóvoa (2009): prática, profissão, pessoa, partilha e público. Como resultado vislumbra ofertar subsídios pedagógicos para melhoria da qualidade social da EJA.

Palavras-chave

Gênero. Sexualidade. Educação de Jovens e Adultos. Narrativas Educativas. Formação Docente

NARRATIVES EDUCATION OF TEACHERS WORKING IN YOUTH AND ADULT EDUCATION: PERCEPTIONS OF GENDER AND SEXUALITY

Abstract

This article is a summary of the dissertation of Santos (2016) linked to the Center for Studies and Research on Narratives. Training and Teaching Work (Nepen) developed at the Graduate Program in Education of the Federal University of São Carlos (UFSCAR) -Sorocaba campus. Is focused on perceptions about gender and sexuality to teachers who work in the Youth and Adult Education (EJA), with the following issues: What are the perceptions about gender and sexuality evidenced in educational narratives produced by teachers who work in adult education and from them which setting can guide their educational practices? To answer we defined the objectives : Understanding the perceptions of gender and sexuality to teachers who work in adult education and the importance of discussing these issues in the statement of respect for differences within the school. Point out problems for convergence between the act of educating and issues related to gender and sexuality in EJA. Discuss gender and sexuality issues in the relations of daily school EJA driving the reflection on the values that mark our society. It is structured from a qualitative perspective and uses for production data preparation of educational narratives in an extension course, considers for the analysis pre categories defined by Novoa (2009): practice, personagens, sharing and public. As a result envisions offering educational grants for improving the social quality of adult education.

Keywords Genre. Sexuality. Youth and Adult Education. Narratives Education. Teacher training

Introdução

Este trabalho configura-se como uma síntese da dissertação de mestrado de Santos (2016) vinculada ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Narrativas, Formação e Trabalho Docente (NEPEN) desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – campus Sorocaba. A pesquisa está centrada nas percepções sobre gênero e sexualidade de professoras que atuam na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A problemática que orientou o desenvolvimento dessa pesquisa parte do seguinte questionamento: Quais as percepções sobre gênero e sexualidade evidenciadas nas narrativas educativas produzidas por professoras que atuam na EJA e a partir delas quais definições podem orientar suas práticas educativas?

Para responder esta problemática definiram-se os seguintes objetivos: Entender as percepções de gênero e sexualidade de professoras que atuam na EJA e a importância de discutir estas questões na afirmação do respeito às diferenças no espaço escolar; Apontar problemas para convergência entre o ato de educar e as questões ligadas a gênero e sexualidade na EJA; Discutir as questões de gênero e sexualidade nas relações do cotidiano escolar da EJA impulsionando a reflexão sobre os valores que marcam a nossa sociedade.

O percurso metodológico integra a revisão bibliográfica e uma pesquisa de campo do tipo pesquisa-ação, por meio de um curso de extensão ofertado pela UFSCar - Campus Sorocaba, onde se deu a produção dos dados.

O processo da pesquisa

O contexto escolhido para a produção de dados da pesquisa foi um curso de extensão ofertado pela UFSCar – Campus Sorocaba: Narrativas, Formação e Trabalho Docente: reflexões teóricas e metodológicas sobre gênero e sexualidade na EJA. O curso objetivou constituir um grupo buscando a (res) significação das percepções sobre gênero e sexualidade e oportunizar a criação de uma cultura de análise individual e coletiva das práticas pedagógicas a partir de abordagens de aspectos relacionados a essa temática no contexto da EJA.

O curso de extensão foi ofertado no primeiro semestre de 2016, em oito encontros aos sábados pela manhã, com três horas de duração, no espaço do Núcleo de Educação Tecnologia e Cultura da UFSCar - Campus Sorocaba. Participaram profissionais da educação que produziram narrativas educativas sobre suas percepções a respeito de gênero e sexualidade na EJA.

Para CUNHA (1993, p.39) apud Sicardi Nakayama (2015, p.21) “a narrativa não é verdade literal dos fatos, mas antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformada na própria realidade.”

Segundo Sicardi (2008)

Trabalhar narrativas educativas na pesquisa e/ou no ensino é partir para a desconstrução/construção das próprias experiências, tanto do professor/pesquisador como do sujeito da pesquisa. Exige que a relação dialógica se instale criando uma cumplicidade de dupla descoberta. (p.79)

Dentro da pesquisa qualitativa, o curso de extensão fez parte da metodologia escolhida como um espaço criado intencionalmente para a participação de profissionais da educação. Sobre isso Baldissera (2001, p.10) comenta: “[...] a pesquisa-ação como metodologia de pesquisa e de ação cria espaços onde as pessoas participam do projeto de atuação organicamente estabelecido.”

Os encontros ocorreram considerando a seguinte dinâmica:

- Problematização e reflexão de: depoimentos de profissionais da educação e estudantes da EJA, figuras/imagens e vídeos tendo como eixo norteador capítulos de livros, artigos científicos, artigos de jornais e outros textos sobre a temática.
- Diálogo e reflexão com a participação de pesquisadores sobre as temáticas propostas.
- Produções de narrativas educativas a partir das reflexões, tendo como base questões problematizadas pelo pesquisador junto aos participantes.

As vagas para o curso foram ofertadas inicialmente para docentes que atuam na EJA, ou que tivessem interesse pela temática. Sendo o período de inscrição de 08 a 31 de março de 2016 e para inscrever-se era necessário preencher o formulário disponível em um link do Google drive de um email criado especificamente para este fim: generoesexualidade.ufscar@gmail.com

A divulgação ocorreu por email para as redes de ensino estadual e municipais da região metropolitana de Sorocaba, bem como, por meio da mídia escrita. Foram 51 pessoas inscritas entre professores da Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio e EJA, supervisores de ensino, diretores de escola, vice-diretores de escola, orientadores ou coordenadores pedagógicos, estudantes de licenciaturas, pós graduandas e outras interessadas pela temática.

Foram selecionadas 21 pessoas entre as inscritas, que apresentaram algum vínculo com a EJA, no presente ou no passado, como docente, monitor, ou gestor de escola que atendesse essa modalidade. As outras pessoas inscritas não indicaram nenhuma proximidade com a EJA e não foram selecionadas.

Dessas 21 pessoas selecionadas e convidadas para o curso, 11 compareceram no primeiro encontro, que ocorreu em um sábado de manhã. Nesse dia explicou-se aos presentes a proposta do curso de formar um grupo para refletir sobre a temática gênero e sexualidade na EJA. Algumas pessoas esperavam que seria ofertadas formas ou receitas de como lidar com essa temática na escola e não compareceram nos encontros seguintes.

A partir do segundo encontro o grupo que se constituiu contou com a participação de profissionais da educação que atuam ou atuaram na EJA, sendo: uma supervisora de ensino, duas diretoras de escola, um diretor de escola, um coordenador pedagógico, uma orientadora pedagógica e duas professoras, uma dos anos iniciais do ensino fundamental e a outra de língua portuguesa dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio e o pesquisador, totalizando 9 pessoas.

Cada encontro teve uma temática para diálogo e reflexão e uma questão apresentada e problematizada para elaboração das narrativas educativas individuais pelos participantes do grupo. É importante ressaltar que a totalidade dos encontros foi planejada em parceria com a orientadora desta pesquisa, a qual participou presencialmente na maioria deles, contribuindo com as reflexões e mediação do grupo.

As narrativas educativas eram sugeridas ao final de cada encontro, a pessoa participante poderia voluntariamente produzi-las em casa. Criou-se uma pasta coletiva no Google drive do e-mail acima citado e todas deveriam ser ali postadas, para que o grupo tivesse acesso às produções de todas as pessoas participantes.

O primeiro encontro objetivou a consolidação do grupo e da dinâmica de trabalho, com o levantamento de primeiras percepções sobre a temática. Houve a apresentação do pesquisador, da orientadora do mestrado, das pessoas integrantes do grupo e da proposta de trabalho do curso. Apresentou-se um vídeo e depoimentos de professoras sobre gênero e sexualidade colocando a seguinte questão para problematização: enquanto profissional da educação quais percepções e atitudes os depoimentos incitam em você?

A solicitação do dia foi para que o grupo escrevesse a primeira narrativa educativa, versando sobre a formação profissional e o trabalho docente de cada participante, sobre gênero e sexualidade na EJA.

O segundo encontro teve como proposta de debates o campo de pesquisa da EJA, seu cenário e seus protagonistas, com a participação da Profa. Dra. Rosa Aparecida Pinheiro enquanto pesquisadora da temática EJA. Apresentou-se para problematização depoimentos de docentes da EJA com narrativas sobre os sujeitos que frequentam essa modalidade de ensino, focando o texto final na humanização e desumanização das pessoas.

A solicitação da produção da narrativa educativa do dia considerou o diálogo com a professora convidada e a reflexão com os depoimentos a partir do seguinte questionamento: quais aspectos sobre a EJA merecem destaque e que podem ajudar a problematizar suas percepções com a temática gênero e sexualidade?

Problematizando a sexualidade, o terceiro encontro apresentou um vídeo, figuras e imagens sobre a diversidade sexual e homofobia e o memorial de formação do pesquisador, com um texto científico sobre a temática direcionando os debates. Para a produção da narrativa educativa desse

encontro questionou-se: o memorial de formação do pesquisador apresentado e dialogado hoje te remete a alguma situação escolar que você tenha vivenciado enquanto aluno ou profissional da Educação? E os outros materiais que foram abordados no encontro de hoje mobilizaram algum conceito relacionado a temática? Registre e compartilhe suas ponderações com o grupo.

O quarto encontro debateu a diversidade sexual e livre orientação de gênero na interface com a escola de Educação Básica. Tivemos a participação de Daniel Cardoso Rodrigues, membro do Coletivo Mandala, que é um movimento social da UFSCar – Campus Sorocaba, que luta pela diversidade sexual e de livre orientação de gênero. A problematização do dia girou em torno da existência e aceitação com respeito da presença do outro nas relações humanas, inclusive na relação pedagógica. A proposta de narrativa educativa desse encontro considerou a questão: Como eu, enquanto educador, lido com a existência do outro na relação pedagógica?

A Dinâmica “caminhada dos Privilégios” abriu o quinto encontro, com a proposta de problematizar as diferenças em nossa sociedade, ao questionar as distintas posições de classe, gênero, racial e sexual ocupadas pelos sujeitos ao longo de suas histórias. A temática principal do dia foi a pesquisa sobre a formação dos docentes da EJA em gênero e sexualidade, que aconteceu com o diálogo de um recorte da produção já realizada até aquele momento pelo pesquisador. Para a elaboração da narrativa educativa do encontro foi proposta a seguinte questão: Em quais espaços de sua formação e atuação você teve a oportunidade de problematizar a temática gênero e sexualidade? Quais enfoques e abordagens foram enfatizados nestes espaços? Qual a interface desses espaços com a EJA?

Iniciamos o sexto encontro com o diálogo a partir de depoimentos de professores que problematizam as questões de gênero e sexualidade na escola. O grupo conduziu o debate falando da necessidade de problematização desses temas, na formação inicial e continuada docente, evitando a naturalização do que parece natural, mas não é. Concluímos o encontro sinalizando a questão para mobilizar a reflexão e produção da narrativa educativa: Em que espaços articulados a EJA e com quais pessoas você enxerga a possibilidade de desenvolver ações educativas voltadas para a discussão da temática gênero e sexualidade?

O encontro de número sete considerou as narrativas educativas enquanto instrumento de formação e produção de conhecimento sobre a prática profissional como proposta de trabalho e diálogo. O debate foi mediado pela Profa. Dra. Bárbara C.M.Sicardi Nakayama a qual propôs que cada participante apresentasse um esquema gráfico de suas narrativas já produzidas, organizado a partir da seguinte questão: “Como é que nos tornamos profissionais da educação para atuar no campo da EJA abordando a temática gênero e sexualidade?” Essa proposta ficou como sugestão para a escrita da última narrativa educativa dos encontros.

O oitavo encontro do curso sintetizou a produção dos registros e definiu rumos para o grupo, tendo como proposta de encaminhamento a produção coletiva de um livro com as narrativas educativas elaboradas durante os encontros. Cada participante falou sobre o processo de chegada ao curso e, como a cada encontro foram sendo convidados a questionar suas percepções, elaborando reflexões e fazendo a reconstrução dos seus saberes a partir da elaboração das narrativas educativas.

Os dados deste trabalho são de natureza qualitativa, e por meio desses dados produzidos precisamos estabelecer os significados presentes nos diálogos trazidos por meio das narrativas educativas das professoras que atuam na EJA. Após estudos, definimos a análise de conteúdo com categorias pré definidas como estratégia metodológica analítica dos dados da pesquisa.

Desenvolveremos esse percurso teórico, mostrando os pressupostos dessa teoria que tem Bardin (1977) e Franco (2005) como referências.

Bardin (1977) define esse processo analítico, como:

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações. (p.31)

Segundo a autora, entre as técnicas de análise de conteúdo, a análise por categorias é na prática a mais usada. Funciona por operações de desmembramento do documento em unidades, em categorias por reagrupamentos analógicos. Entre as diversas possibilidades de categorização, a investigação dos temas, ou análise temática, é rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos diretos (significações manifestas) e simples.

Escolhemos as categorias de análise pré definidas que se orientaram pela própria questão central do trabalho que visa trazer a tona as percepções sobre gênero e sexualidade de professoras que atuam na EJA, numa perspectiva da formação docente. Apresentamos com Nóvoa (2009) cinco propostas de categorias de formação denominadas pelo autor como 5Ps, buscando valorizar os elementos da prática, da cultura profissional, das dimensões pessoais, das lógicas coletivas e a presença pública dos professores: prática, profissão, pessoa, partilha e público, na interface com os eixos EJA, gênero e sexualidade. Levaremos em conta que o conjunto de categorias deve possuir as seguintes qualidades de exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade e fidedignidade e, por fim, uma qualidade mais pragmática que é a de *produtividade*.

Análises e interpretações

Para o recorte dessa pesquisa decidiu-se que o *corpus* da análise seria realizada a partir das 13 narrativas educativas das duas professoras que estavam atuando em sala de aula da EJA, durante o curso de extensão.

Para identificá-las sugeriu-se que escolhessem uma cor com a qual se identificassem e justificassem a escolha. Assim, apresentamos:

A Professora Vermelha

A professora vermelha é docente do Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos (CEEJA), da cidade de Votorantim, onde leciona língua portuguesa há dezoito anos. Escolheu a cor vermelha porque a faz lembrar do Sol e também a remete a infância, período em que teve um casaco vermelho de lã feito pela sua avó, que ela gostava muito, além do mais é ariana, acredita em horóscopo e essa cor a representa.

Sou professora graduada em Letras e Pedagogia. Atuo como docente na rede Estadual de Ensino há quase 20 anos, sendo 18, na Educação de Jovens e Adultos, especificamente no CEEJA - Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos, de Votorantim.

A Professora Verde

A Professora Verde é pedagoga, atua há dez anos como professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental, e como docente na EJA anos iniciais, na Rede Municipal de Ensino de Sorocaba, há 6 anos. Escolheu a cor verde, porque se considera uma pessoa otimista e confiante em dias melhores, desejando ser melhor a cada dia que passa.

“Atuo como professora na EJA, série iniciais nos últimos seis anos na escola municipal Professor Irineu Leister no Jardim Ipiranga.”

Tomamos como referência a abordagem da análise de categorias, como já explicitamos, fundamentada em Bardin (1977) e Franco (2005), para respondermos a questão central dessa pesquisa.

Para a pré-análise respeitamos a regra da representatividade, realizando a seleção do *corpus* de análise, segundo Bardin (1977) e Franco (2005). Por meio, das vozes das professoras, evidenciadas nas narrativas educativas, alinhavamos nossa análise, respeitando o primeiro passo que foi nos apropriarmos desse material produzido por meio da leitura flutuante que Bardin (1977) destaca em sua obra como um processo inicial de contato com o material a ser analisado, visando estabelecer uma proximidade com os documentos, conhecendo as produções, buscando impressões e orientações das ideias impressas e seus significados gerais.

Utilizamos a regra da exaustividade, lendo todas as narrativas e nos deixando levar pelas primeiras impressões que são reveladas nesse contato inicial com as produções, permitindo à imersão nas etapas analíticas, apontadas por Bardin (1977) e Franco (2005), com a intenção de encontrarmos nas entrelinhas das enunciações as percepções sobre gênero e sexualidade das professoras.

As narrativas educativas foram impressas em cores diferentes e buscou-se a proximidade dos excertos dessas narrativas com os 5ps definidos por Nóvoa (2009) prática, profissão, pessoa, partilha e público, considerando sempre os três eixos EJA, gênero e sexualidade.

1º- P – Práticas

“A formação de professores deve assumir uma forte componente praxica, centrada na aprendizagem dos alunos e no estudo de casos concretos, tendo como referência o trabalho escolar.” (Nóvoa, 2009, p. 32)

Quando pensamos as questões da prática centrada na aprendizagem dos/as alunos/as, considerando os eixos EJA, gênero e sexualidades, a narrativa educativa da Professora Vermelha aponta:

Para mim, vários aspectos são relevantes ao se trabalhar com a EJA. Primeiramente, o resgate de cidadãos que não tiveram acesso à escolarização na idade própria, para assim inseri-los num contexto ao qual foram excluídos há anos atrás. Também, temos que levar em conta que o estudante que inicia a EJA apresenta várias características diferentes daqueles que entram no ensino regular. Geralmente, já tiveram experiências anteriores de fracassos, traumas e temores, e por esse motivo, começam seu percurso com baixa autoestima, achando muitas vezes que não são capazes de concluir seus estudos. Além disso, chegam tímidos, preocupados, envergonhados. A partir desse momento entra um outro aspecto muito importante: o acolhimento dado a esse aluno pela equipe escolar. Essa relação que se estabelece entre o aluno e a escola contribui de forma positiva no resgate de sua autoestima e confiança, facilitando sua aprendizagem e ajudando, com solidez, na construção de sua vida pessoal e profissional. [...] Dessa forma, esses estudantes, com o decorrer do curso, vão adquirindo confiança em si, percebendo que são capazes de aprender a cada dia mais. Assim, sentem-se úteis, sujeitos do seu saber não somente na escola, mas também em outras áreas de suas vidas. (Professora Vermelha)

A EJA, devido à proximidade da faixa etária, possibilita uma aproximação muito grande entre professores/as e estudantes possibilitando a “desconstrução de uma série de estigmas impostos socialmente aos alunos” (Pinheiro, 2006, p.62) e criando possibilidades de maior transparência nos assuntos tratados incluindo aí as questões sociais ligadas a raça e etnia, gênero, sexualidade entre outros.

Nóvoa (2009) indica que as práticas docentes são muito difíceis e complexas, no entanto, construiu-se publicamente a ideia de que ensinar é muito fácil, e isso geralmente contribui para o desprestígio da profissão de professor/a.

A professora Verde comenta as dificuldades da prática docente principalmente na abordagem da temática gênero e sexualidade na EJA, lembrando com Miskolci (2010) que a sala de aula e a escola como um todo, foram por bastante tempo, consideradas como locais sexualmente imparciais e que a “heteronormatividade” (Borrillo, 2009, p. 25) sempre dificultou o diálogo nesse campo.

Sabemos que não é tão fácil assim abordar temas tão delicados nas salas da EJA, os mais jovens são mais abertos, flexíveis. O adulto é cercado de muros, muitas vezes intransponíveis. Mas as situações de violência, discriminação e preconceito estão presentes, velados ou secretos, mas estão ali. (Professora Verde)

Nóvoa (2009) considera a inovação como um componente essencial do próprio processo de formação. É preciso planejar a formação docente numa conjuntura de responsabilidade profissional, propondo uma vigilância constante à necessidade de alterações nas normas de trabalho, pessoais, coletivos ou organizacionais.

A Professora Verde inova na elaboração do seu planejamento diário buscando possibilidades para atender as necessidades educativas dos estudantes, afirma.

Meu planejamento de EJA é flexível, feito a lápis. Gosto de partir daquilo que o aluno traz e principalmente suas necessidades, o que ele veio buscar na escola. São os relatos pessoais, as histórias de vida atreladas à matriz curricular, os meus eixos de trabalho. (Professora Verde)

A Professora Vermelha apresenta algumas propostas de inovação, inclusive de mudança da estrutura dos espaços da escola, já tratado no capítulo teórico por Louro (1997) quando indica que a arquitetura da escola atua na constituição do menino e da menina. “Uma questão que pesa na estrutura física da escola é a dos banheiros. A separação por sexo biológico prevalece. Isso faz com que esses alunos enfrentem problemas na utilização dos sanitários.”

Fica evidenciado na narrativa educativa da Professora Vermelha a necessidade da escola inovar e criar espaços para os alunos dialogarem sobre a temática, com a oferta de materiais didáticos que ofereçam reflexão sobre gênero e sexualidade.

[...] seria interessante ter um espaço disponível para os alunos conversarem sobre a temática [...]. Sabemos da existência de muitos alunos que enfrentam essa dificuldade de se aceitarem e também serem aceitos pelos outros. Como trabalho com adultos, essa abordagem é essencial para a formação deles.

Uma outra possibilidade de ação educativa voltada para a temática, seria pouco a pouco, provocar os alunos, disponibilizando textos, vídeos ou outros materiais didáticos a fim de que eles reflitam sobre essa questão e construam um novo olhar sobre a relação gênero e sexualidade. (Professora Vermelha)

Estudantes e professores/as Igpts compõem a diversidade social presente escola, especialmente na EJA; no entanto, para esta instituição que sempre foi disciplinar e normatizadora, a diferença, ou tudo aquilo que está fora da norma, essencialmente, a norma sexual, revela ser inaceitável por ultrapassar as marcas do conhecido. Portanto, uma proposta inovadora que tenha como princípio a diversidade sexual e de gênero, no contexto da escola pública, indica a entrada em um ‘campo epistemológico’ pouco explorado, na proporção em que a ‘epistemologia’ reconhecível é a do padrão heteronormativo de equivalência entre sexo-gênero. Assim se manifesta a Professora Vermelha

Apesar de recebermos muitos alunos e alunas LGBT, ainda não temos um espaço para discutir/problematizar essa temática. A escola convive com eles, mas não se discute, não se fala sobre eles. Lidamos com alunos adultos, muitos já têm a convicção do que querem. Mas, às vezes em conversa, percebo que se sentem excluídos da própria família que não aceita sua opção sexual. São muitos casos, a impressão que tenho é que eles não têm “voz” para se expressarem. Dentre esses alunos, alguns querem ser chamados pelo nome social. Essa opção é registrada no “passaporte escolar” do aluno e ao lado de seu nome civil colocamos o social. (Professora Vermelha)

A prática pedagógica das professoras evidenciadas a partir das percepções expostas nas narrativas educativas indicam a importância de dialogar sobre as temáticas gênero e sexualidade no espaço escolar da EJA, construindo o respeito as diferenças.

Percebemos também a preocupação com a inovação do trabalho pedagógico a partir dessas temática nas relações do cotidiano escolar, quando citam as questões dos banheiros, da flexibilidade do planejamento e outras ações para o acolhimento de todos/as estudantes na EJA.

Ao refletir sobre as questões que ocorrem no dia a dia da escola, as professoras certamente estão preocupadas em apontar soluções para os problemas de convergência entre o ato de educar as questões ligadas a gênero e sexualidade.

2º- P – Profissão

“A formação de professores deve passar para “dentro” da profissão, isto é, deve basear-se na aquisição de uma cultura profissional, concedendo aos professores mais experientes um papel central na formação dos mais jovens.” (Nóvoa, 2009, p.36). A Professora Vermelha percebe essa importância ao narrar: “Sinto muita necessidade de me aperfeiçoar como professora da EJA, tenho vontade de estudar, socializar com novos colegas, aprender novas teorias, refletir sobre minha prática diária.”

O autor sugere devolver a formação docente aos/as professores/as, apontando que estes foram afastados dos programas de formação. Indica que diversos grupos foram se apropriando da formação dos/as professores/as, e da regulação da profissão docente, deixando os próprios/as professores/as num papel secundário e afirma: “É inegável que a investigação científica em educação tem uma missão indispensável a cumprir, mas a formação de um professor encerra uma complexidade que só se obtém a partir da integração numa cultura profissional.” (p. 37)

As duas professoras evidenciam em suas narrativas educativas, que se percebem em papel secundário na sua formação profissional, principalmente naquela que acontece em serviço, apontando que a temática gênero e sexualidade e a modalidade de ensino EJA são as áreas mais esquecidas nestes espaços de formação.

Eu, como professora do Estado, atuando na EJA há muito tempo, percebo que nas OTs (Orientações Técnicas), ou mesmo nas ATPCs (Aulas de Trabalho

Pedagógico Coletivo dos Professores) quase não se discute sobre a EJA, é como se estivéssemos esquecidos num canto. (Professora Vermelha)

É uma triste realidade, mas, em anos de vida profissional não me recordo de espaços para formação dentro da temática gênero e sexualidade. Investigamos, vamos atrás, corremos e atuamos em sala de sala muitas vezes errando querendo acertar. (Professora Verde)

As duas professoras percebem a falta de participação de professores/as na formação docente e apontam em suas narrativas educativas as dificuldades de exercer a profissão pela ausência dessa formação reflexiva que dialogue sobre gênero e sexualidade na EJA.

Assumindo o fato de que desconheço e quase nenhum vínculo tive com o tema gênero e sexualidade aqui estou. Preocupada e indignada muitas vezes com questões do cotidiano e toda forma de discriminação e violência, me coloco aberta a discutir. Perseguir a compreensão e mais do que isso, reconhecer-me neste universo. (Professora Verde)

Em minha formação não foi proporcionado nenhum espaço para a problematização da temática gênero e sexualidade. Lembro-me que em minha sala de aula da graduação tínhamos dois colegas homossexuais, mas em nenhum momento falava-se sobre isso.

Em minha atuação como professora da EJA, já tive várias situações que envolveram essa temática, mas não tive espaço para problematizá-las. (Professora Vermelha)

Compreendemos que questões de gênero e sexualidade geralmente impõem dificuldades e desafios aos/as professores da EJA, na sua luta cotidiana de ensinar. De acordo Cesar (2010) a formação docente deve pontuar a diversidade sexual e de gênero no espaço escolar, a partir de uma perspectiva crítica e problematizadora, para discutir relações de poder, hierarquias sociais opressivas e procedimentos de subalternização ou de exclusão.

Bortolini, (2011) aponta que é preciso planejar um espaço escolar de coexistência e diálogo ante uma heterogeneidade de sujeitos e percepções, geralmente adversas e conflituosas, tendo como princípios a educação como direito e a escola como espaço público.

3º - P – Pessoa

“A formação de professores deve dedicar uma atenção especial às dimensões pessoais da profissão docente, trabalhando essa capacidade de relação e de comunicação que define o tacto pedagógico.” (Nóvoa, 2009, p. 38)

Nóvoa, (2009) aponta “que o professor é a pessoa, e que a pessoa é o professor.”(p.38) Que não é possível apartar as questões pessoais das profissionais. “Que ensinamos aquilo que somos e que, naquilo que somos, se encontra muito daquilo que ensinamos.” (p.38) Indica que os/as professores/as devem se organizar para uma pesquisa sobre si próprios, para um estudo de autorreflexão e de auto-análise. A Professora Verde aceita o desafio proposto ao refletir sobre as questões de gênero e sexualidade na EJA: “Prefiro repensar todos os dias à minha prática, assumir o

meu despreparo. Estar pronta para o desconhecido sem perder o senso da responsabilidade enquanto professor.”

Ao fazer essa autorreflexão os/as professores/as podem evitar se envolver em atos preconceituosos que geram conflitos no espaço escolar, a Professora Vermelha exemplifica

[...] tivemos um caso envolvendo um professor, que foi hostilizado por outros colegas de trabalho por ser homossexual. Ficavam cochichando sobre ele, falavam que ele “dava em cima” de outros professores, que “pegava na mão”, “trancava na sala” etc. Esse preconceito foi gerado pelo fato desse professor ser homossexual e assumir essa opção[sic]. Os outros colegas de trabalho o olhavam com desconfiança, como se seu comportamento fosse uma ameaça a eles, gerando assim, várias situações conflituosas na escola e na convivência com os demais.

Narra também caso de caso de preconceito homofóbico em relação aos estudantes da EJA:

Outro dia, ouvi de uma professora que ela não conseguiu olhar para o aluno, pois na ficha dele seu nome era masculino, mas a sua aparência era de uma mulher. Parece que a professora ficou com medo de atendê-lo. Também escuto de amigos que a união homoafetiva é coisa de gente que quer se aparecer; casamento tem que ser entre homem e mulher.

Como atendo alunos da EJA, muitos são de idade mais avançada e, nesse caso, percebo que eles têm atitudes bastante preconceituosas em relação à orientação e práticas homossexuais.

Os exemplos dados pela Professora Vermelha apontam que há muitos problemas para a convergência entre o ato de educar e as questões ligadas a gênero e sexualidade no espaço escolar da EJA. Indica que a formação docente precisa dialogar sobre essa temática e refletir sobre os valores que marcam a nossa sociedade para construir o respeito as diferenças nas nossas comunidades escolares.

De acordo com Sicardi (2008) as narrativas educativas nos possibilita descobrir informações que estavam invisíveis pela própria pessoa antes da narração e que provavelmente nunca tinha sido incentivado a verbalizar seus pensamentos. A Professora Verde em uma de suas narrativas educativas evidencia a associação entre a formação pessoal e o trato pedagógico, tratada por Nóvoa (2009), na relação com a temática gênero e sexualidade, demonstrando as suas descobertas por meio das narrativas educativas.

O conceito ignorância esteve presente em todas as narrativas, e quando não conhecemos um assunto, costumamos evitar e muitas vezes sermos omissos.

Sendo assim, a auto formação se fez necessária, a ruptura com aquilo que estava consolidado, ou eu achava que estava.

Ainda conheço muito pouco o tema gênero e sexualidade, mas posso planejar uma aula para sensibilizar, discutir e ao vivenciar uma situação não vou fugir, sei que o melhor aprendizado se dá quando enfrentamos. O saldo é muito positivo, perdi o medo! (Professora Verde)

Nóvoa (2009) aponta que documentar por escrito, as experiências pessoais e profissionais, é fundamental para que cada docente obtenha uma maior compreensão do seu trabalho e da sua personalidade como professor/a. A formação precisa auxiliar para construir nos futuros/as professores/as a prática de reflexão e de auto-reflexão que são fundamentais numa profissão que não se finda em referências científicas ou mesmo pedagógicas, e que se define, irremediavelmente, a partir de padrões pessoais. A professora Verde percebe essa compreensão do trabalho docente.

Os saberes vivenciados pelo aluno e pelo professor, o vínculo e a interação, traz ao cotidiano a grande maioria dos eixos de trabalho. O professor precisa estar atento, ser capaz de observar as oportunidades garantindo a aprendizagem. Acrescento que o mais difícil é mostrar e às vezes até provar ao aluno o quanto ele sabe, um marginalizado pela sociedade, não acredita em si mesmo. (Professora Verde)

A professora Vermelha Complementa essa percepção:

Quando penso na existência do outro, logo me vem à mente a palavra reciprocidade: “não faça aos outros o que não quer que lhe façam”. Compreender e reconhecer a existência do outro no mundo é uma norma imprescindível para uma convivência saudável. Na Filosofia, fundamento em Kant, na sua ética do dever, afirma que devemos agir em favor do outro como se nos dirigíssemos a nós mesmos. (Professora Vermelha)

A narrativa educativa é um movimento de constituição da identidade facilitada pela palavra que possibilita colocar ordem na sua própria vida por meio da escrita de si, que colocada como fonte de conhecimento das produções afetivas e intelectuais das pessoas vêm sendo apontadas como um mecanismo importante para o entendimento de conjunturas sociais.

No espaço da EJA, a narrativa educativa deve ser compreendida como um momento de reflexão e superação, ou seja, ação/reflexão/ação, inseparável da prática educativa, e isso exige um/a professor/a comprometido/a com a ação pedagógica com: “Formação científica, correção ética, respeito aos outros, coerência, capacidade de viver e de aprender com o diferente [...]”. (FREIRE, 1996, p. 17-18)

Compreendemos que as narrativas educativas das professoras da EJA possibilitou a prática da reflexão e da auto reflexão propostas por Nóvoa (2009) dentro das temáticas gênero e sexualidade na modalidade de ensino da EJA possibilitando a construção do respeito as diferenças e a coexistência facilitando repensar sobre os valores que marcam a nossa sociedade.

4º - P – Partilha

“A formação de professores deve valorizar o trabalho em equipa e o exercício colectivo da profissão, reforçando a importância dos projectos educativos de escola.” (Nóvoa, 2009, p.40)

Para o autor há uma urgência que o professor trabalhe em equipe, que se consolide o ato coletivo no plano profissional, por que a diversidade das ações escolares necessita do trabalho em equipe do pessoal

docente. Aponta que a “competência coletiva é mais do que o somatório das competências individuais.” (p. 40) Fala da importância de agregar nos hábitos docentes um bloco de modelos coletivos de produção e de regulação do trabalho.

As Professoras percebem a importância do trabalho em equipe para debater as questões de gênero e sexualidade na EJA, ao narrarem sobre suas participações no curso de extensão proposto para produzir os dados para essa pesquisa.

As relações me trouxeram até aqui. Nestes encontros me vi diante do espelho, e ao olhar, muitas perguntas me vieram a cabeça.

O que sei sobre gênero e sexualidade? Como penso ou me posiciono diante de situações do cotidiano? Sou ignorante ou preconceituosa?

A cada encontro apenas uma certeza, é preciso refletir, discutir, me informar.

E então as narrativas se sucederam. Agora olhando para cada uma delas, vejo quase todos os eixos com maior ou menor intensidade, e para não generalizar demais, os saberes disciplinares pouco interferiram. Foi um resgate muito pessoal e profundo. (Professora Verde)

Nesses 18 anos, trabalhando com esse público, também me senti “excluída”, pois nós, professores da EJA, não temos cursos, capacitação, formação específica que aborde essa modalidade de ensino. Foram poucos encontros que participei que conseguimos discutir um pouco essa temática.

Foi essa a motivação e curiosidade para minha inscrição nesse curso “Narrativas, formação e trabalho docente: reflexões teóricas e metodológicas sobre gênero e sexualidade na EJA”, li no jornal da cidade e logo me interessei. Sinto muita necessidade de me aperfeiçoar como professora da EJA, tenho vontade de estudar, conhecer novas colegas, novas teorias para melhorar minha prática diária. Quem sabe, até, me enveredar para uma pesquisa de mestrado. (Professora Vermelha)

Nóvoa (2009), aponta que “a colegialidade, a partilha e as culturas colaborativas não se impõem por via administrativa ou por decisão superior. A formação de professores é essencial para consolidar parcerias no interior e no exterior do mundo profissional.” (p. 41) Aponta que é necessário fortalecer as comunidades de práticas, que são construídas por grupos de educadores afinados com a investigação e a inovação, onde se debatem ideias sobre os processos de ensino e aprendizagem e se constroem processos sobre formação pessoal, profissional dos estudantes.

A Professora Verde percebendo a necessidade dessa partilha e encontrando-a no curso de extensão considerando-o como um local de investigação e de inovação narra:

Penso que o primeiro passo para uma educadora é assumir sua total ignorância, buscar informações, qualificar-se perante aos desafios, propor diálogos com as diferenças e sem medo da hipocrisia, enfrentar as “verdades cristalizadas”.

Aqui me parece ser o melhor lugar para isso.

A Professora Vermelha vai no mesmo caminho ao escrever que:

Todo o material trabalhado durante esse encontro foi de extrema relevância, pois não adianta essa discussão ficar apenas entre quatro paredes, nós, educadores, temos que colocar essa ação em prática. Não podemos mais ficar assistindo na tv a morte de mais jovens homossexuais vítimas desse ódio e preconceito a que eles são submetidos.

A escola ainda é tradicional e não está preparada para lidar com esse assunto. Nela, existe uma série de preconceitos, existe a tolerância “mascarada”. Os profissionais ainda não sabem bem como atuar nessas ocasiões.

O autor propõe que para essas mudanças ocorrerem nos processos organizativos da profissão docente é essencial elaborar programas de formação coerentes com essa prática. O diálogo profissional tem normas e metodologias que precisam ser obtidos e praticados nas escolas de formação e nos anos iniciais de profissão docente. Sem isso, continuaremos a reproduzir intenções que dificilmente terão uma tradução sólida na vida dos professores e das escolas.

A Professora Vermelha compreende que é necessário envolver todas as pessoas que convivem na escola para buscar o respeito às diferenças e solucionar os problemas de convergência entre o ato de educar e as questões ligadas a gênero e sexualidade.

Considerando que a escola é um local de (con) vivência e cidadania é preciso que ela possa trazer no seu alicerce a construção de ideais da paz, da liberdade, da justiça, do respeito, conduzindo a um desenvolvimento humano mais harmonioso. E eu, enquanto educadora, gestores; tenho parte nessa responsabilidade. (Professora Vermelha)

Os/as docentes da EJA ao trabalhar em equipe devem estabelecer um efetivo diálogo entre gestores, estudantes e professores/as, na perspectiva de desenvolver uma educação básica de qualidade social para compreender a ampla diversidade cultural dos/as estudantes e legitimar saberes construídos em diferentes contextos, favorecendo a construção de estratégias pedagógicas que lidem com as aprendizagens de dentro e fora da escola.

Compreendemos a partilha como o momento de formação em que o/a professor/a trabalha em equipe. Nestes espaços a problematização das questões ligadas a gênero e sexualidade se faz possível para construção de uma proposta pedagógica da escola mais inclusiva que respeite a todas as pessoas que nela adentrem.

5º - P – Público

“A formação de professores deve estar marcada por um princípio de responsabilidade social, favorecendo a comunicação pública e a participação profissional no espaço público da educação.” (Nóvoa, 2009, p. 42)

Para a Professora Vermelha essa responsabilidade social passa pela contribuição que a escola pode dar na superação de preconceitos e desigualdades, afirmando:

O grande desafio da educação hoje é garantir uma escola democrática e de qualidade para todos. E para isso, é necessário que ela contribua para a superação de preconceitos e desigualdades através da implementação de ideias e valores que não reforcem a concepção de um mundo masculino superior ao feminino, mas que estabeleça condições de igualdade para ambos os sexos.

Nóvoa (2009) indica que as escolas apresentam dificuldades de comunicação com a sociedade, com a avaliação externa e com a prestação de contas do seu trabalho. Os docentes apresentam mal o seu trabalho para a sociedade. Percebe-se que há uma carência da fala dos professores nos debates públicos. E indica que é “necessário aprender a comunicar com o público, a ter uma voz pública, a conquistar a sociedade para o trabalho educativo comunicar para fora da escola.” (P.43)

A Professora Vermelha indica que a escola e o/a professor/a apresentam mal seu trabalho nas questões de gênero e sexualidade.

Penso que a instituição escolar e os profissionais que nela atuam, ainda não estão preparados para lidar com a temática gênero e sexualidade. Existe uma série de preconceitos, existe uma tolerância “mascarada”. Mas não deixo de acreditar que isso está mudando. Pelo menos, é o que estamos tentando fazer aqui.

A Professora Verde percebe que a escola precisa assumir sua responsabilidade “enquanto lugar de integração e respeito ao outro diante das atitudes de preconceito e homofobia. As notícias de violência e morte dizem: nada estamos fazendo!”

Nóvoa (2009) aponta que a importância de uma profissão hoje é avaliada, geralmente, pela sua visibilidade social. Para os/as professores/as é uma questão urgente e determinante, sendo que a sobrevivência da profissão está associada ao sucesso do trabalho interno nas escolas, mas também da competência de intervir nos espaços públicos da educação. Este é um grande desafio para os programas de formação docente neste século XXI. A professora Vermelha dialoga com Nóvoa (2009) ao escrever:

O grande desafio da educação hoje é garantir uma escola democrática e de qualidade para todos. E para isso, é necessário que ela contribua para a superação de preconceitos e desigualdades através da implementação de ideias e valores que reforcem a concepção de um mundo igualitário a todos os cidadãos.

A modalidade EJA facilita uma maior aproximação da escola com a sociedade considerando que são estudantes adultos/as e que muitas vezes tem filhos/as estudando em horários diversos. Como a escola e os/as professores/as precisam se apresentar a sociedade, ao propor o debate sobre gênero e sexualidade, essas possibilidades se ampliam pela construção do respeito a todas as pessoas. A Professora Vermelha comenta

Lidar com a existência do outro é um fator de extrema importância, pois o aluno adulto encontra-se inserido em um mundo de relações interpessoais de um modo diferenciado daquela criança que ainda está em pleno desenvolvimento; ele traz consigo uma história mais longa de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo, sobre si e sobre as outras pessoas que o cercam.

Beleli (2010) alerta que o problema educacional do momento não é atender às necessidades de produtividade ou da inclusão de novos conteúdos, mas transformar a instituição escolar no centro

do aprendizado da coexistência das diferenças. Somente uma escola plural constituída no respeito às diferenças colaborará para o desenvolvimento pleno de cidadãos e cidadãs para contribuir ativamente na constituição de uma sociedade verdadeiramente democrática aceitando a todas as pessoas dentro de procedimentos educativos que deverão se abrir à aceitação da diversidade das experiências individuais no que toca ao gênero, à sexualidade e ao prazer.

Ao trabalhar as questões de gênero e sexualidade, a escola e os professores estão assumindo sua responsabilidade social, possibilitando a construção de uma sociedade mais saudável, menos violenta e ampliando a participação docente nos espaços públicos da educação.

Considerações finais e possibilidades

Trazemos para as considerações finais momentos e aprendizagens constituídos nesse percurso de pesquisa, as limitações e dificuldades que encontramos no processo de investigação, os principais resultados obtidos com este trabalho e as contribuições para o campo da formação docente, para a EJA, para os participantes do curso de extensão, para este pesquisador e para a ressignificação dos olhares sobre a temática gênero e sexualidade.

Encontramos algumas dificuldades para a produção de dados para essa pesquisa considerando que desejávamos trabalhar com professores/as que atuam na EJA, desse modo, o curso de extensão não poderia ocorrer a noite, considerando que esta modalidade tem a maioria do seu atendimento nesse horário, por isso, ofertamos aos sábados no período da manhã.

Esperávamos um grande número de professores/a da EJA, porém recebemos inscrições de diversos profissionais que atuam na interface com a EJA, como coordenadores pedagógicos, diretores de escola, supervisores de ensino, mas professoras atuantes na sala de aula, foram apenas três, sendo que uma compareceu somente no primeiro dia e as outras duas permaneceram em todos os encontros.

Participar de um curso no sábado de manhã depois de uma semana inteira de trabalho, geralmente em três períodos é muito difícil para os/as professores/as, desse modo entendemos como dificultador o dia e horário do curso, justificando inicialmente a baixa procura de docentes atuantes em sala de aula da EJA, desse modo, consideramos que a formação em serviço seria a melhor maneira de possibilitar aos docentes refletir sobre as suas práticas dentro de uma perspectiva de ação, reflexão, ação.

A proposta do curso de problematizar as questões de gênero e sexualidade sem apresentar receita de intervenção pedagógica de trabalho na temática, certamente foi outro fator que dificultou a permanência de outras pessoas que compareceram somente no primeiro encontro.

As professoras que participaram de todos os encontros apresentaram dificuldades para escrever sobre gênero e sexualidade. Entendemos como compreensível considerando que vivemos

em uma sociedade religiosa, patriarcal e heteronormativa, sendo que qualquer padrão de comportamento que fuja a regra imposta é taxada de desvio de conduta. Problematicar as questões de gênero e sexualidade na sala de aula da EJA, então se apresenta como tarefa difícil e polêmica que muitas vezes os/as docentes não estão seguros para abordar.

A proposta de elaborar narrativas educativas era uma novidade para o grupo que permaneceu no curso de extensão, sabemos que falar de si, é muito difícil para todos nós, porém compreendendo que ao narrar o itinerário formativo, estamos fazendo nossa auto formação, foi que insistimos nas produções das narrativas, no entanto, algumas pessoas não escreveram todas as narrativas propostas.

Aprendemos na trajetória da pesquisa que as narrativas educativas enquanto objeto formativo possibilita condições para despertar a consciência individual e coletiva. Sicardi Nakayama, Tinti e Januário (2010, p. 5) partilham desta compreensão do potencial formativo da narrativa educativa afirmando que:

[...] o processo de formação ocorre individualmente e necessita de um contexto propício para se desenvolver. Como consequência é possível dizer que a partir das narrativas educativas este processo pode ser potencializado, na medida em que as concebemos enquanto objeto formativo que cria as condições para a tomada de consciência individual e coletiva.

E Elbraz (1990) citado por Galvão (2005, p. 331):

[...] enumera seis razões para considerar a narrativa um bom método de tornar públicas as vozes dos professores: as histórias revelam conhecimento tácito, importante para ser compreendido; têm lugar num contexto significativo; apelam à tradição de contar histórias, o que dá uma estrutura à expressão; geralmente está envolvida uma lição moral a ser aprendida; podem dar voz ao criticismo de um modo social aceitável; refletem a não separação entre pensamento e ação no ato de contar, no diálogo entre narrador e audiência.

Podemos dessa forma afirmar que possibilitar que as professoras da EJA narrassem seus itinerários formativos, foi um momento ímpar, de dar voz as pessoas que estão no chão da escola de apresentar as suas percepções sobre a temática gênero e sexualidade, por meio das narrativas educativas, possibilitando reflexão e auto formação. Entendemos que está foi uma contribuição para os participantes do curso de extensão e para este pesquisador.

A modalidade EJA esteve todo o período da pesquisa como um dos eixos norteadores das reflexões, dialogamos com as professoras sobre os sujeitos da EJA e as práticas pedagógicas para acolhimento e atendimento de todas as pessoas nessa modalidade de ensino, compreendendo que falar de gênero e sexualidade para jovens e adultos, que são pessoas que trazem consigo uma história longa de experiências, conhecimentos acumulados sobre o mundo, sobre si mesmo e sobre as pessoas que o cercam com opiniões já concretizadas é bastante diferente da abordagem dessa

temática para crianças e adolescentes. Entendemos que a contribuição da nossa pesquisa para a EJA são as possibilidades de por meio das narrativas educativas os/os docentes compreendam as histórias de vida dessas pessoas que estudam na EJA e a lidar com a existência do outro buscando o respeito a todas as pessoas.

Compreendemos que ao abordar as questões de gênero e sexualidade na EJA, os/as professores/as estão assumindo sua responsabilidade social, possibilitando a construção de uma sociedade mais saudável, menos violenta e ampliando a participação docente nos espaços públicos da educação. Pois, apenas uma escola plural construída no respeito às diferenças facilitará o desenvolvimento pleno de cidadãos e cidadãs para colaborar ativamente na construção de uma sociedade mais democrática aceitando a todas as pessoas dentro de procedimentos educativos que deverão se abrir à aceitação da diversidade das experiências individuais no que toca ao gênero, à sexualidade e ao prazer.

Podemos certamente apontar como resultados dessa pesquisa que as percepções sobre gênero e sexualidade das professoras da EJA sendo evidenciadas nos excertos das narrativas educativas explicitados nas categorias: prática, profissão, pessoa, partilha e público definidas por Nóvoa (2009), demonstraram que o acolhimento aos estudantes, a possibilidade da coexistência nos espaços escolares, o respeito, a justiça, a fraternidade devem orientar o trabalho pedagógico na EJA, possibilitando a construção de práticas educativas que permitam a todos/as estudantes completarem o seu itinerário escolar.

Os resultados apontam que a ausência de formação docente é um dos principais entraves que dificultam a convergência entre o ato de educar e as questões ligadas a gênero e sexualidade.

Indicamos como contribuição dessa pesquisa para a formação docente a possibilidade de trabalhar a partir de produção de narrativas educativas dentro da formação continuada, construindo e ressignificando as compreensões sobre a EJA, gênero e sexualidade no campo da formação docente. Aprendemos com Nóvoa (2009) que a prática jamais se separa da pessoa que constrói a profissão em grupo, partilhando sempre entre os pares e tornando público o trabalho docente.

Referências

- BALDISSERA, Adelina. **Pesquisa-ação: uma Metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo.** Sociedade em Debate, 7(2):5-25, agosto/2001.
- BARDIN, Laurence, trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. **Análise de conteúdo.** São Paulo, SP: Martins Fontes, 1977.
- BELELI, Iara. Gênero. In: MISKOLCI Richard, (org.) **Marcas da diferença no ensino escolar;** São Carlos ; EdUFSCar, 2010.

BORRILLO, D. A homofobia. In: LIONÇO, T.; DINIZ, D. (orgs.) **Homofobia e educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: Letras Livres, 2009.

BORTOLINI, Alexandre. Diversidade sexual e de gênero na escola, **Revista Espaço Acadêmico**, Nº 23, agosto de 2011.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Sexualidade e gênero: ensaios educacionais contemporâneos, **R. Est. Pesq. Educ.** Juiz de Fora, v. 12, n. 2, jul./dez. 2010.

DESLAURIES, J. P.; KÉRISIT, M. In: POUPART, J. et al.(Org.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2012.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. Brasília, 2ª edição: Liber Livro Editora, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000. 1996.

GALVÃO, Cecília. Narrativas em Educação. In: **Ciência & Educação**, v. 11, n. 2, 2005. p. 327- 345.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 179 p.

MISKOLCI, Richard. Sexualidade e Orientação Sexual. In: _____, (org.) **Marcas da diferença no ensino escolar**; São Carlos; EdUFSCar, 2010.

NÓVOA, Antonio. **Professores: Imagens do futuro presente**. EDUCA - Instituto de Educação Universidade de Lisboa. Lisboa, Portugal, 2009.

SICARDI, Bárbara Cristina Moreira. **Biografias educativas e o processo de constituição profissional de formadores de professores de matemática**. Campinas, SP: 2008. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. UNICAMP, 2008.

SICARDI NAKAYAMA, Bárbara Cristina Moreira. Leitura e produção do conhecimento e a potencialidade heurística das narrativas educativas. In: NUNES, Célia Maria Fernandes; ARAUJO, Regina Magna Bonifácio de. (orgs.) **Narrativas de Professores em Formação: O Significado de ser Pedagogo**. Jundiaí, Paco Editorial: 2015.

SICARDI NAKAYAMA, B. C. M.; TINTI, D. S.; JANUARIO, G. Narrativas Educativas e percursos de formação e (auto)formação de professores que ensinam Matemática. In: **Encontro Paulista de Educação Matemática, 10. Anais**. X EPDM: Os (des)caminhos da Educação Continuada de Professores que ensinam Matemática no Estado de São Paulo. São Carlos: SBEM/SBEM-SP, 2010, p. 1-13.